

# A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências

# 2



**Denise Pereira  
Janaina de Paula do Espírito Santo  
(Organizadoras)**

# A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências

## 2



**Denise Pereira  
Janaina de Paula do Espírito Santo  
(Organizadoras)**

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

**Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

**Edição de Arte** Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Revisão** Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

#### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

#### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional

Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais

Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo

Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas

Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia

Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases

Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil

Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita

Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí

Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora

Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé

Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo

Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária

Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná

Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina

Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro

Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College

Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social

Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe

Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## A pesquisa e o ensino das ciências humanas: mudanças e tendências 2

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário:** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremona  
**Edição de Arte:** Luiza Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadoras:** Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P474 A pesquisa e o ensino das ciências humanas [recurso eletrônico] :  
mudanças e tendências 2 / Organizadoras Denise Pereira,  
Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena,  
2020.

Formato: PDF.

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5706-221-0

DOI 10.22533/at.ed.210202207

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. 2. Metodologia.  
I. Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula do.

CDD 001.42

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Um dos aforismos famosos do filósofo estóico romano Seneca é dizer que a pessoa quando ensina, aprende. De fato, a profunda relação entre ensinar e aprender é retomada, de tempos em tempos por diferentes pensadores de diversos países.

Essa preocupação se dá justamente por que, enquanto seres humanos estamos envolvidos, a todo momento com as distintas dimensões de ensinar e aprender e com a produção de conhecimento como um todo. Pensar, refletir aprender, são ações essencialmente humanas, momentos de construção de todo um escopo de experiências coletivas e individuais. Ainda que não esteja presente na frase de Sêneca do começo deste texto, outra dimensão nessa relação de ensinar e aprender é o ato de pesquisar. Não podemos dizer que a pesquisa figura exatamente como um “elemento oculto” do aforismo, (ou seja, que não é citado, mas está presente). Ainda assim, não é incorreto dizer que o ato de pesquisar é um sustentáculo de todo e qualquer ensino. De fato, não há ensino sem pesquisa, e não há pesquisa sem divulgação do saber o que é, de certa maneira, ensino.

A palavra pesquisa tem estado muito presente do nosso senso comum, nossa vida cotidiana, uma pesquisa pode envolver tanto a busca por menores preços, ou informações concretas para a tomada de uma decisão cotidiana qualquer, como também pode se referir a raciocínios e processos complexos e controlados em procedimentos substanciais de produção do conhecimento. Um modo de vida. Em comum, ambos os significados tem o fato de que a pesquisa é um elemento fundante da experiência humana. Na área de ciências humanas, as investigações feitas, como é da própria natureza da área, sempre existe um amálgama bastante presente entre pesquisa, seus métodos e paradigmas e o ensino. Neste sentido temos assistido, no século XXI uma mudança significativa. Se a sociedade muda e novas são suas demandas, aspirações e necessidades, muda também o entendimento dos diferentes fenômenos sociais e as exigências inerentes ao seu processo de ensino. Assim, no mundo em que vivemos com o crescimento do espaço ocupado pelo ambiente virtual, as demandas de conhecimento e do mercado de trabalho da atualidade, balizam mudanças constantes que visam entender esse movimento ininterrupto, suas transformações e tendências.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira  
Janaína de Paula do E. Santo

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CONSTRUÇÃO DE ESTRATÉGIAS INTERNAS DE DIFERENCIAÇÃO SOCIAL ENTRE OS MORADORES DO BAIRRO PROGRESSO – ERECHIM/RS	
Clovis Schmitt Souza Rubia Samanta da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2102022071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
A IMPORTÂNCIA DA PRESENÇA PATERNA NO CICLO GRAVIDÍCIO-PUERPERAL	
José Salomão de Freitas Mesquita Ana Lizete de Souza Bastos Maria Eliane Ramos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2102022072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>16</b>
A NOTICIABILIDADE NO SITE DE MÍDIA INDEPENDENTE JORNALISTAS LIVRES	
Ana Carolina Brandão da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2102022073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>29</b>
CERIMONIAL RELIGIOSO: UMA ANÁLISE SOBRE ELABORAÇÃO DE EVENTOS RELIGIOSOS A PARTIR DE UMA FESTA DE CANDOMBLÉ EM ÁGUAS LINDAS DO GOIÁS	
Wdson Lyncon Correia de Oliveira Elissélia Keila Ramos Leão Paes Fabrício José da Silva Pontes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2102022074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>42</b>
COMPROMISO DE LA ÉTICA AXIOLOGICA SUSTENTABLE PARA LAS NUEVAS GENERACIONES DE INGENIEROS QUIMICOS INDUSTRIALES	
Rebeca Teja Gutiérrez Edmundo Resenos Díaz Nidia López Lira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2102022075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>59</b>
EDUCAÇÃO E SAÚDE: ANÁLISE DO PERFIL SOCIOCULTURAL DOS HÁBITOS ALIMENTARES E DA SAÚDE EM ADOLESCENTES DA PRIMEIRA FASE DE 10 A 14 ANOS	
Victor Hugo de Oliveira Henrique Viviane de Oliveira Henrique Dayane Tonaco Assunção Larissa Gabriela Araujo Goebel Kaique Alves de Souza Pedro Aurélio Tataira da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2102022076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>69</b>
INTERFACES ENTRE EDUCAÇÃO E POLÍTICA DA JUVENTUDE À MATURIDADE DE SIMÓN RODRÍGUEZ	
Brennan Cavalcanti Maciel Modesto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2102022077</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>81</b>
O PAPEL DA CEAGESP NA COMERCIALIZAÇÃO DE HORTIFRUTIGRANJEIROS NA REGIÃO DE PRESIDENTE PRUDENTE	
Larissa Oliveira Dionisio	
Antonio Nivaldo Hespanhol	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2102022078</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>94</b>
O USO DA PLATAFORMA DIALOGA BRASIL COMO FERRAMENTA DE COMUNICAÇÃO PÚBLICA E O FOMENTO AOS CANAIS DE PARTICIPAÇÃO POPULAR: BREVES RESULTADOS OBSERVADOS	
Laercio José Peres dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2102022079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>113</b>
PROJETO BARRAGINHAS NO NOROESTE DE MINAS GERAIS: DESENVOLVIMENTO REGIONAL E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL	
Elias Rodrigues de Oliveira Filho	
Natacha Souza John	
Rogério Leandro Lima da Silveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.21020220710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>129</b>
PROPOSTA DE MÉTODO TÉCNICO PARA ESTUDO DESCRITIVO DE ABSENTEÍSMO POR LICENÇA MÉDICA DA UNESP, CÂMPUS DE ILHA SOLTEIRA	
Beatriz Garcia Lopes	
Joeder Aparecido da Silva Flores	
Renata Trasse de Oliveira Barbosa	
Rogério de Oliveira Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.21020220711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>142</b>
QUALIFICAR PARA PRESERVAR: UMA CONTRIBUIÇÃO FORMATIVA	
Haroldo Gallo	
Marcos Tognon	
<b>DOI 10.22533/at.ed.21020220712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>154</b>
SUICÍDIO E TRABALHO CONTEMPORÂNEO	
Daniela Piroli Cabral	
<b>DOI 10.22533/at.ed.21020220713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>165</b>
SUSTENTABILIDADE SOCIAL COMO OBJETIVO INTERNACIONAL E TENDÊNCIA NAS LICITAÇÕES	
João Ricardo Vicente	
<b>DOI 10.22533/at.ed.21020220714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>176</b>
THOMAS KUHN E O CÓDIGO DE ÉTICA MÉDICA: A RELAÇÃO MÉDICO-PACIENTE	
Luís Carlos Silva de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.21020220715</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>185</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>186</b>

## SUICÍDIO E TRABALHO CONTEMPORÂNEO

Data de aceite: 01/07/2020

**Daniela Piroli Cabral**

danipiroli@hotmail.com

Psicóloga Clínica e do Trabalho

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é apresentar, através da revisão da literatura, os mecanismos específicos de nocividade do trabalho para a saúde mental que culminam com o ato suicida. À luz da Psicodinâmica do Trabalho e da Teoria Crítica da Sociedade, foram analisados como as mudanças no contexto do trabalho contemporâneo, principalmente a partir da década de 90, com a reestruturação produtiva e com a intensificação do modelo neoliberal de produção, geram as repercussões psíquicas sobre a saúde mental dos trabalhadores. Os resultados apontam para um fenômeno que é complexo, multicausal e multidimensional e que tem em seu cerne a degradação do mundo social do trabalho e o rompimento dos laços de solidariedade. Assim, na relação entre suicídio e trabalho, verifica-se que há um sofrimento e uma vivência de exacerbada alienação, de estranhamento e de perda de sentido que são individuais, mas que sua compreensão só pode ser feita de

maneira coletiva e interdisciplinar, bem como devem ser estratégias de enfrentamento e de intervenção que garantam a sustentabilidade psicossocial nos ambientes de trabalho. Como conclusão, pode-se afirmar que estudar essa articulação entre suicídio e trabalho implica não somente uma opção epistemológica ou teórica, mas também uma orientação política, de transformação da realidade social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Suicídio; Trabalho; Saúde Mental.

### SUICIDE AND CONTEMPORARY WORK

**ABSTRACT:** The objective of this work is to present, through the revision of the literature, the specific mechanisms of harmfulness of the work for mental health that culminate with the suicide act. In the light of the psychodynamics of work and the critical theory of society, they were analyzed as changes in the context of contemporary work, mainly from the decade of 90, with the productive restructuring and the intensification of the neoliberal production model, generate the Psychological repercussions on the mental health of workers. The results point to a phenomenon that is complex, multicausal and multidimensional and that has at its core the degradation of the social world of work and the disruption of the bonds of solidarity. Thus,

in the relationship between suicide and work, it is observed that there is a suffering and an experience of exacerbated alienation, of strangeness and of loss of sense that are individual, but that their understanding can only be done in a collective and interdisciplinary manner, as well as should be coping and intervention strategies that ensure psychosocial sustainability in the workplace. As a conclusion, it can be stated that studying this articulation between suicide and work implies not only an epistemological or theoretical option, but also a political orientation, of the transformation of social reality.

**KEYWORDS:** Suicide; Work; Mental Health.

## 1 | INTRODUÇÃO

Etimologicamente, a palavra suicídio vem do latim e significa morte de si mesmo (sui = si mesmo; caedes = ação de se matar) (MELEIRO; TENG; WANG, 2004). No entanto, trata-se de uma definição muito abrangente que não é capaz de captar e apreender a complexidade deste fenômeno.

Historicamente, o suicídio foi conceituado por Durkheim, em 1897, como “todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo realizado pela própria vítima, a qual sabia dever ele produzir este resultado” (MELEIRO; TENG; WANG, 2004). Sua obra “O suicídio”, tirou o tema da esfera da moralidade, como era tratado até então, e o colocou no domínio racional da ciência social. O autor propôs que, apesar de ser um ato individual, as origens do suicídio são sociais e apresentou uma taxonomia que abrange quatro tipos de suicídio: egoísta, altruísta, anômico e fatalista (SOLOMON, 2014).

Atualmente há consenso entre os autores de que o suicídio é um importante problema de saúde pública, principalmente na população masculina (CECCON et al, 2014; MELEIRO, 2014). A Organização Mundial de Saúde (OMS), que monitora os dados mundiais relativos à mortalidade por suicídio desde 1950, aponta uma morte por suicídio a cada 20 segundos e uma tentativa de suicídio a cada dois segundos (MELEIRO; TENG; WANG, 2014). No Brasil, as taxas de morte por suicídio são consideradas baixas, porém aumentaram de 4,5/100 mil habitantes no ano 2000 para 5,7/100 mil habitantes no ano de 2007.

Existe também consenso entre os autores no que se refere a escassez de trabalhos científicos sobre o tema e sobre os limites e deficiências na estruturação de banco de dados nacionais, relativos à qualidade e à precisão dos dados de suicídio (MELEIRO; TENG; WANG, 2004). Há um sub dimensionamento o número de suicídios por questões relativas à ocultação do fenômeno, ao preconceito e ao tabu envolvidos no tema. Casos de mortes “acidentais” são um exemplo da dificuldade de se registrar fidedignamente a morte por suicídio.

A compreensão do ato suicida é complexa e multicausal. A partir do modelo biológico,

o suicídio pode ser compreendido como evidência de anormalidades genéticas do sistema serotoninérgico (CECCON et al, 2014) ou de doença mental (um alto percentual das pessoas que se suicidam tem histórico de transtorno mental diagnosticado) (MELEIRO; TENG; WANG, 2004). No modelo psicológico, o suicídio é compreendido como resultado de conflitos interpessoais e no modelo sociológico, ele é entendido como fenômeno coletivo com causas sociais e ecológicas (CECCON et al, 2014).

As relações entre suicídio e trabalho vem sendo estudadas com mais ênfase a partir do início do terceiro milênio, coincidindo com uma maior produção de conhecimento na área de saúde mental e trabalho, evidenciando sempre o caráter complexo desta relação. No Brasil, Barreto et al (2011) denunciam que o suicídio relacionado ao trabalho vem crescendo estrondosamente, sendo que o mundo do trabalho tenta disfarçá-lo. O fato do suicídio ser visto como tabu social ou como unicamente uma questão de motivação pessoal, fez com que houvesse, durante muito tempo, uma certa invisibilidade sobre a relação existente entre suicídio e trabalho (MÁXIMO; LIMA; ARAÚJO, 2012).

Nesta perspectiva, uma das questões a qual se tenta explicar e responder é: o que, no trabalho, pode ser apontado como fonte específica de nocividade para a vida mental, cujo triste e irreversível fim é o próprio suicídio? (HELOANI; CAPITÃO, 2003).

## 2 | O TRABALHO CONTEMPORÂNEO E SUICÍDIO

O trabalho em sua concepção original está ligado à ideia de sofrimento, derivando do latim *tripalium*, que significa instrumento de tortura. No entanto, o conceito de trabalho vai além desta primeira concepção, sendo compreendido como categoria ontológica, diretamente ligado à subjetividade e a formação de identidade (CABRAL; MONTEIRO, 2017). Assim, o conceito de trabalho adotado aqui é mais amplo e não se confunde com os termos empregos e vínculo empregatício, sendo categoria central para o homem.

Ao se confundirem trabalho e emprego, ou seja, ao identificarem duas categorias totalmente distintas, eles deixam de perceber que a primeira é “ineliminável da existência humana”, enquanto a segunda “é uma construção histórica” (ORGANICISTA apud LIMA, 2007, p.6)

Mais do que fonte de sobrevivência econômica, trabalho tem sido definido como principal atividade humana, fonte de construção de identidade, de manutenção de estados de saúde, de socialização, de realização, de status social, de estruturação do tempo, de reconhecimento, entre outros. A atividade laboral é um regulador social fundamental para a subjetividade humana sendo considerada uma “verdadeira instituição secundária de socialização que, após a escola e a família, modela atitudes e comportamentos, a ponto de produzir uma identidade profissional e social” (ZANELLI; KANAN, 2018, p.111).

As dimensões constituintes dos significados do trabalho incluem a **busca de objetivos econômicos**, como remuneração e segurança no trabalho, e a **busca de objetivos**

**expressivos**, como autonomia, a realização de um trabalho interessante e a possibilidade de aplicação das competências. (ARAÚJO et al, 2015, p. 148 - Grifo nosso)

(...) em nossa sociedade, o trabalho é mediador de integração social, seja pelo seu valor econômico (subsistência) seja pelo aspecto cultural (simbólico), tendo assim, uma importância fundamental na constituição da subjetividade, no modo de vida e na saúde física e mental das pessoas. (Miranda et al, 2009, p. 712)

Desta forma, tendo em vista a centralidade do trabalho na sociedade capitalista ocidental contemporânea, é imperioso conhecer e analisar minuciosamente as relações existentes entre o trabalho e a saúde em geral e entre o trabalho e a saúde mental em específico, principalmente considerando como pano de fundo os aspectos sociais e do trabalho contemporâneo, caracterizados pela perda de direitos sociais e trabalhistas.

A compreensão da relação existente entre a organização do trabalho e o funcionamento psíquico do indivíduo é problematizada e discutida por diversos autores (LANCMAN; SZNELMAN, 2004; HELOANI; CAPITÃO, 2003; DEJOURS, 1992; FINAZZI-SANTOS; SIQUEIRA, 2011). Os referenciais teóricos evidenciam o caráter multidisciplinar das abordagens que pretendem compreender o contexto organizacional existente por trás da interface entre trabalho e suicídio. Finazzi-Santos e Siqueira (2011) citam, por exemplo, as abordagens de *dominação e poder*, de *assédio moral*, de *controle da subjetividade* e de *manipulação ideológica*. Também apresentam os campos de conhecimentos da *sociologia clínica*, da *psicodinâmica do trabalho*, da ergonomia da atividade e da *saúde mental no trabalho* como importantes alicerces de embasamento de resposta a essa questão.

As mudanças ocorridas nos ambientes de trabalho, especialmente no período de neoliberalismo econômico, são apontadas como as causadoras e exacerbadoras do sofrimento e do adoecimento relacionado ao trabalho (DEJOURS, 1992; HELOANI; CAPITÃO, 2003; CECCON; MENEGHEL; HESLER, 2010; FINAZZI-SANTOS; SIQUEIRA, 2011; MÁXIMO, 2012; GOMIDE, 2013).

O quadro atual predominante no mundo do trabalho, propiciado pela Organização Científica do Trabalho, de terceirização e subcontratação de mão-de-obra, de ampliação das jornadas de trabalho, de precarização das relações de trabalho, de hierarquização e a fragmentação das atividades, de controle do ritmo de trabalho, da falta de autonomia para desenvolver tarefas, dos sistemas hierárquicos, das modalidades de comando, das relações de poder, etc. tem gerado graves consequências físicas, mentais e sociais para o trabalhador tais como intenso sofrimento psíquico, acidentes de trabalho, doenças diversas, culminando com o ato suicida.

Na França, as mudanças no processo produtivo, o excessivo número de horas de trabalho, a falta de solidariedade, o isolamento social e o assédio moral também têm sido associados ao suicídio. Recentemente, ao intervir numa organização de trabalho francesa na qual haviam ocorrido casos de suicídio, Bègue e Dejours, debruçaram-se sobre a relação existente entre suicídio e trabalho. Para eles, “um único caso de suicídio

é gravíssimo e aponta uma profunda degradação do conjunto do tecido humano e social do trabalho” (SOUZA; SOUZA, 2010; CECCON; MENEGHEL; HESLER, 2010; MARTINS; RIBEIRO, 2012). Eles identificaram três fatores no cerne da desagregação do mundo social do trabalho e do rompimento dos laços de solidariedade: (1) os programas de qualidade total, (2) a avaliação individualizada do desempenho e (3) o privilégio do “gerencialismo” (ênfase nos números e na objetividade) sobre os valores do trabalho (ênfase na qualidade e na cooperação).

Para Dejours, o que mudou nas empresas foi a organização do trabalho, especialmente a introdução de novos métodos de avaliação individual de desempenho e de técnicas ligadas à chamada “qualidade total”: “o que mudou é que as solidariedades desapareceram” e sentencia, ainda, que “a destruição pelos gestores dos elos sociais no trabalho **fragiliza a todos perante a doença mental**”. Chama atenção também para o fato de que as pessoas que mais estão sofrendo violência na nova organização do trabalho são as que estão mais envolvidas com o trabalho e que, quando são injustamente acusadas ou pressionadas por, por exemplo, não serem coniventes com uma atitude errada que vai contra o código do trabalho, passam então a sofrer rechaços e humilhações ou sucumbem psiquicamente. Salienta ainda que os métodos de dominação atual na organização do trabalho para a qualidade total tendem a destruir o mundo social e aponta para absurdo de, hoje em dia, o envolvimento demasiado com o trabalho representar um verdadeiro perigo (JARDIM, 2011, p.88).

No Japão, o estilo de trabalho produz diversos problemas de saúde, como a *karoshi* (morte por excesso de trabalho) e o *karojisatsu* (suicídio decorrente do excesso de trabalho) (CECCON et al, 2014).

No Brasil, o estudo de Ceccon et al (2014) conseguiu estabelecer a associação entre mortalidade por suicídio e variáveis laborais na cidade de São Paulo, o que sugere que o trabalho no contexto de precarização, especialmente nas grandes metrópoles, piora a qualidade de vida, gera sofrimento físico e mental e aumenta o risco de autoagressão.

O trabalho excessivo, com pouca significação, aliado à fragilização das relações sociais e de solidariedade entre os trabalhadores, chefias autoritárias e pouco propensas ao diálogo, – ou o oposto, a exclusão do trabalhador por questões relacionadas com o poder ou como medidas punitivas –, são alguns dos fatores que podem estar relacionados ao suicídio (CECCON et al, 2014, p. 2231).

Além disso, este autor observou, também na cidade de São Paulo, uma associação inversa entre suicídio e desemprego. Isso indica que a sobrecarga e o sofrimento emocional relacionados ao trabalho atingem tal magnitude que o risco de suicídio pode ser maior para a população trabalhadora do que para a população de desempregados.

A “ideologia da excelência” instaurada no mundo do trabalho contemporâneo torna-se um risco para o processo de “fragilização” do reconhecimento social, da valorização simbólica e da construção de identidades individuais e coletivas, provocando um quadro de alienação e de estranhamento no trabalho, minando o suporte social, desumanizando o mundo do trabalho, reificando as pessoas e as relações e exacerbando os quadros de sofrimento e adoecimento psíquico.

Na atual CID-10 não existe uma categoria diagnóstica que corresponda aos quadros paranoides não psicóticos cada vez mais encontrados na prática dos serviços de saúde que atendem trabalhadores. Estes quadros aparecem como expressões clínicas das vivências de ameaça e perseguição no cotidiano do trabalho e se configuram, talvez, como uma modalidade da **neurose da excelência**, que foi descrita na França por Aubert e Gaulejac (1991). Constituem o produto de um clima organizacional de desconfiança, incerteza e intimidação em que o controle se configura como vigilância que não dá tréguas. Os medos se multiplicam e criam um estado de tensão e alerta permanentes, no qual o trabalhador tem vivências de estar sempre sob ameaça, sujeito a ciladas, isolado, silenciado e sem poder confiar em ninguém. Surgem ideias de autorreferência, insônia e distúrbios psicofisiológicos. (FRANCO et al, 2010, p.240)

Dessa forma, o suicídio relacionado com o trabalho ocorre quando o trabalho deixa de ser fonte de aprimoramento da identidade e da saúde das pessoas e passa a ser patogênico (MARTINS; RIBEIRO, 2011), sendo o fim de uma espiral de desgaste psíquico que, muitas vezes, engloba processos de somatização, psiquiatrização, medicalização, afastamentos do trabalho por licenças médicas, internações, entre outros (CECCON et al, 2014). O suicídio não deve ser compreendido como um ato isolado, individual, mas sim como consequência de degradado complexo contexto sócio-laboral.

O **desgaste da esperança** pode tornar-se extremamente preocupante na medida em que está profundamente associado ao risco de suicídio. Não apenas as depressões, mas também os demais transtornos psíquicos aqui relacionados à violência têm levado ao suicídio em casos analisados em profundidade (FRANCO, DRUCK E SELIGMANN-SILVA, 2010, p.241 – grifo nosso).

Ademais o suicídio relacionado ao trabalho denuncia a face perversa dos modos de produção capitalista e expõe a banalização do sofrimento relacionado ao trabalho. Ele expõe a grande contradição entre capital e trabalho, ainda não superada na sociedade contemporânea.

É o paradoxo que encerra o trabalho contemporâneo: sua combinação com precarização social, adoecimento dos indivíduos e destruição ambiental. (...) o mundo da produção continua, predominantemente, estruturado e se movendo pela acumulação de capital e lucro. Isto leva à progressiva hipotrofia e **perda de uma razão social do trabalho** (SOBOLL, 2017, p.15 – grifo nosso).

Ao se colocarem questões econômicas, quantitativas e produtivas acima do bem-estar e da felicidade humana, há uma tendência generalizada de culpabilização do próprio trabalhador por seu adoecimento e por sua morte (FIZAZZI-SANTOS; SIQUEIRA, 2011).

O suicídio relacionado ao trabalho também expõe a “lógica do sacrifício”, apontada por Dejours e Begue, citados por Gomide (2013) e Ceccon et al (2014). O preço é alto e quem paga é sempre o lado mais frágil. Os sujeitos que atentam contra suas próprias vidas são justamente as pessoas consideradas “adaptadas” ao sistema por possuírem um emprego e por se esforçarem para se ajustar aos desígnios da produção ao preço da própria mutilação psíquica. Isso significa que, para a organização e também para a sociedade, o trabalhador foi fraco, incompetente, inapto e incapaz de se adaptar ao sistema vigente. Como nos ensinam Bègue e Dejours “o trabalho morto faz parte do esquema dominante” (GOMIDE, 2013, p. 394).

(...) aquele que não se conforma ou não consegue adaptar-se ao clima de “ameaça social”, acaba por pagar o preço com a própria vida ou, no mínimo, por introjetar condutas exigidas que **perpetuam a própria alienação e a servidão psíquica** (GOMIDE, 2013, p. 385 – grifo nosso).

Assim, o suicídio relacionado ao trabalho também mostra a sutileza dos modos de gestão modernos no que se refere à dominação não só do trabalho, mas também da subjetividade dos trabalhadores. Os processos de gestão afetiva e de controle da subjetividade em vigor alteram a percepção e ampliam a tolerância em relação aos abusos no trabalho (SOBOLL, 2017).

A violência da excelência em geral é marcada pela sutileza e imposta de modo a disfarçar a dominação, por exemplo, sob discursos e projeção de cenários de um futuro promissor para a empresa e seus colaboradores (FRANCO, DRUCK E SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 238)

Por vezes, o discurso gerencialista e a ética economicista buscam justificar tais práticas como necessárias, na tentativa de alavancar a produtividade, e como isso constroem um discurso que tenta legitimar e naturalizar a violência, utilizada como uma política de gestão (SOBOLL, 2017, p.15).

Desta forma, pode-se afirmar que as atuais relações de trabalho e de produção permitem a apropriação não só do trabalho, mas também da própria subjetividade do trabalhador. O poder de agir dos trabalhadores tem-se reduzido cada vez mais, devido à existência de normas e de controles cada vez mais rígidos e a cultura organizacional tem tentado colocar as organizações como principal fonte identitária para os sujeitos.

O trabalho de Franco et al (2010) mostram como as políticas de gestão flexíveis e os processos de terceirização levaram a um quadro de precarização social e de desestabilização do mundo do trabalho que é multidimensional afetando diretamente os vínculos de trabalho e relações contratuais, as a organização e as condições de trabalho, a precarização da saúde dos trabalhadores, a precarização social e a representação e organização coletiva e sindical.

Através da terceirização e da desregulamentação social, produziu-se a **desestabilização do mundo do trabalho** que atingiu, inicialmente, os trabalhadores industriais, e depois todos os assalariados, afetando hoje, todos os que vivem do trabalho. (FRANCO et al, 2010, p.231- grifo nosso).

Estes autores descrevem os processos despertencimento social e de desenraizamento humano como condições de vulnerabilidade do trabalhador contemporâneo.

O processo de **despertencimento social**, como vimos, é produzido no seio da flexibilização, pelo binômio terceirização-precariização. Conduz à fragilização dos laços e dos referenciais de pertencimento social, levando, no limite, à desagregação social, com a proliferação de toda a sorte de violência social, sofrimento e adoecimento, com destaque para as patologias musculo-esqueléticas e os transtornos mentais cada vez mais frequentes, sem limites de classe, gênero ou etnia, idade, etc. (FRANCO et al, 2010, p.243 - grifo nosso).

Trata-se de um despertencimento de outro tipo: é um **desenraizamento** – interior e exterior – do ser humano em relação à natureza, é um desligamento profundo de si

próprio que leva à dificuldade crescente em reconhecer-se enquanto ser da espécie. É a alienação de si mesmo enquanto ser humano gerado na e com a natureza. (FRANCO et al, 2010, p.243- grifo nosso).

Assim, vê-se que o processo de precarização não é só econômica ou social. Ele atinge as subjetividades e provoca alterações na vida dentro e fora do trabalho, culminando com a sensação de alienação humana da própria natureza.

A flexibilização do trabalho acelera os tempos sociais, radicalizando este processo de inversão. Tanto o despertencimento social quanto o desenraizamento em relação à natureza revelam o atributo inerente do capitalismo de ser um padrão civilizatório incapaz de incorporar os limites humanos e da natureza. (FRANCO et al, 2010, p.245).

### **3 | ENFRENTAMENTOS POSSÍVEIS: PROTEÇÃO E PREVENÇÃO AOS RISCOS PSICOSSOCIAIS**

A racionalidade instrumental predominante nos modos de produção capitalista produz consequências danosas para a organização de trabalho tais como a desestruturação dos coletivos de trabalho, a desmontagem das estratégias coletivas de defesa, o rompimento das redes de solidariedade, a criação de clima de competitividade, eliminando sentimentos de cooperação e de pertencimento a uma coletividade, contribuindo para um estado de alienação e de individualismo exacerbado (SOUZA, 2010; CECCON; MENEGHEL; HESLER, 2010; GOMIDE, 2013). Este contexto propicia a exacerbação dos níveis de competitividade, de desconfiança, de deslealdade e o comportamento de vigiar os colegas que passam a ser vistos como adversários (MARTINS; RIBEIRO, 2011). Este quadro pode desencadear efeitos nocivos para a saúde do trabalhador, tais como sentimentos de solidão, de desesperança e de medo (MARTINS; RIBEIRO, 2011, CECCON et al 2014) e levar ao desenvolvimento de depressão e da fragilização e desestabilização da identidade dos trabalhadores (HELOANI; CAPITÃO, 2003; SOUZA; SOUZA, 2010; GOMIDE, 2013).

Assim, se na atualidade o homem passa a maior parte do tempo trabalhando e a influência do trabalho na identidade e na subjetividade do trabalhador se expande para além do tempo e do local de trabalho através dos mecanismos de gestão subjetiva, por exemplo, as empresas e organizações, tanto públicas como privadas, deveriam assumir mais responsabilidades sobre a organização do trabalho e, conseqüentemente, sobre a saúde de seus trabalhadores (HELOANI; CAPITÃO, 2003).

Muitos são os enfrentamentos possíveis em prol da prevenção ao suicídio, que em última análise, são também medidas em promoção à saúde psíquica e de proteção social do trabalhador. Trata-se intervenções de caráter interdisciplinar, coletivo e político, sem as quais não será possível a verdadeira superação do modelo da ideologia da excelência e dos preconceitos decorrentes dos processos de adoecimento e desgastes no trabalho. Como defendem Franco et al:

É possível e necessário mudar o padrão dominante de sociabilidade fundado na competição e divisar um mundo pautado na razão social do trabalho, transitando para sociedades com horizontes dignos para os seres humanos imersos não apenas em processos sociais e culturais, mas em ciclos da natureza como todos os demais seres vivos. (...) requer desenvolver consciência em curto, médio e longo prazos (...) que passa pela resignificação do trabalho. Enfim, um mundo do trabalho não predatório que sirva para construir a sociabilidade e não a destruir (FRANCO et al, 2010, p.244)

Assim, a forma de enfrentamento carrega em seu cerne uma mudança na lógica na compreensão do processo de sofrimento relacionado ao trabalho. Ele deve ser reconhecido (pelos profissionais de saúde e da gestão de pessoas) como uma denúncia sobre realidade organizacional, institucional e social a que o trabalhador está exposto. É importante romper a resistência organizacional e institucional em no reconhecimento dos nexos causais entre atividade laboral e adoecimento mental. Geralmente, acontece desconsideração deste contexto e a culpabilização o trabalhador por seu adoecimento. Isso impede uma ação, de fato, transformadora da realidade. Como mostra Brant e Gomez:

Diferentemente da dor, o sofrimento possui uma dimensão política, uma vez que envolve a presença do “outro” (o “tu”) no campo da existência do sujeito. Portanto, a redução do sofrimento apenas à dimensão da dor constitui um obstáculo ao caminho alteritário. E assim, pode dificultar a indagação pela implicações da organização do trabalho nas queixas de dor. O não reconhecimento do sofrimento favorece a regressão do alteritário a um certo solipsismo. (BRANT; GOMEZ, 2005, p. 944).

Outra forma de enfrentamento possível do risco de suicídio na ambiente de trabalho passa pelo diagnóstico e avaliação periódica e permanente dos efeitos psicossociais negativos no trabalho para a saúde dos trabalhadores. Os fenômenos psicossociais são definidos por Zanelli e Kanan (2018) como:

processos concernentes à saúde, ao bem-estar e à qualidade de vida interligados à produtividade, à governança e sustentabilidade das organizações e de seus ambientes externos. Tais eventos podem ser positivos ou negativos (quando resultam em danos físicos, biológicos, psicológicos e sociais) (ZANELLI; KANAN, 2018, p. 97).

Assim, frente ao clima totalitário predominante no ambiente de trabalho do mundo neoliberal, instaurado pelas transformações na organização do trabalho, pode-se afirmar que a intervenção sobre riscos psicossociais, mais do que sobre os riscos químicos, físicos ou biológicos, são o grande desafio atual em relação à saúde do trabalhador. É premente defender e trabalhar para o desenvolvimento da sustentabilidade psicossocial das organizações de trabalho, priorizando da dimensão interacional e subjetiva, mas do que os elementos objetivos do trabalho, e enfatizando a disseminação de uma ética organizacional que não naturalize os processos de dominação, de subordinação e de violência, nem torne as relações e o ambiente profissional psicossocialmente tóxicos (insalubridade psicológica) (ZANELLI; KANAN, 2018).

A disseminação, na cultura organizacional e na sociedade como um todo, do conceito de “trabalho decente” da Organização Internacional do Trabalho (OIT) é outro ponto fundamental na articulação entre trabalho saudável e identidade.

Trabalho decente é um trabalho produtivo e adequadamente remunerado, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança, sem quaisquer formas de discriminação, e capaz de garantir uma vida digna a todas as pessoas que vivem do seu trabalho (OIT apud FRANCO et al, 2010, p.236)

Sem preterir do acolhimento e da assistência individual à saúde do trabalhador, outros enfrentamentos coletivos possíveis para a questão do suicídio no trabalho apresentados pela literatura pesquisada são a psicodinâmica do reconhecimento, o fortalecimento das entidades sindicais (BARRETO; NETTO; PEREIRA, 2011) e das ações políticas e solidárias coletivas (GOMIDE, 2013), a atuação incisiva das entidades governamentais na fiscalização e na responsabilização judicial por parte das organizações de trabalho envolvidas com os óbitos (FINAZZI-SANTOS; SIQUEIRA, 2011) e a substituição da competitividade, do individualismo e do isolamento por laços de cooperação e de solidariedade (CECCON; MENEGHEL; HESLER, 2010; SOUZA; SOUZA, 2010; MARTINS; RIBEIRO, 2011).

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste trabalho vimos que a compreensão das relações entre trabalho e suicídio passam também pela compreensão das relações entre trabalho e saúde mental e entre trabalho e identidade.

Ao reconhecer que, o que é nocivo no trabalho contemporâneo para saúde mental dos trabalhadores tem origens sociológicas (a desagregação do mundo social do trabalho e o rompimento dos laços de solidariedade entre os trabalhadores), colocamos como questão a semelhança deste contexto com o contexto propício aos suicídios anômicos estudados originalmente por Durkheim (cenário de baixa integração social e de baixa regulação moral), o que deve ser fruto de estudos mais aprofundados.

Finalmente, estudar a articulação entre suicídio e trabalho implica em uma opção que, além de teórica e epistemológica, é também uma opção política, de transformação da realidade social, da qual não podemos prescindir.

#### REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J.N.G; FERREIRA, M.C.; ALMEIDA, C.P. (Orgs). **Trabalho e Saúde: Cenários, Impasses e alternativas no contexto brasileiro**. São Paulo: Opção, 2015.

BARRETO, M.; NETTO, N. B.; PEREIRA, L. B. **Do assédio moral à morte de si**: significados sociais do suicídio no trabalho. São Paulo: Matsunaga, 2011.

BRANT, L.C; GOMEZ, C.M. O sofrimento e seus destinos na gestão do trabalho. **Ciência e Saúde Coletiva**, 10 (4), p. 939-952, 2005.

CABRAL, D.P.; MONTEIRO, D.T.T. Autonomia e vulnerabilidade no trabalho: Relatos de uma experiência interdisciplinar no serviço público. In: LIMA, T.M.M.; SÁ, M.F.F.; MOUREIRA, D.L. **Autonomia e Vulnerabilidade**. Belo Horizonte: Arraes Editora, 2017.

- CECCON, R. F.; MENEGHEL, S. N.; HESLER, L. Z.; Suicídio e trabalho: o que fazer? Resenhas. Sobradinho, **Paralelo 15**: p. 2209- 2210, 2010.
- CECCON, R. F.; MENEGHEL, S. N.; TAVARES, J. P.; LAUTERT, L.; Suicídio e trabalho em metrópoles brasileiras: um estudo ecológico. **Ciência e saúde coletiva**. v. 19. n. 7. Rio de Janeiro, 2014. p. 2225-2234.
- DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**. São Paulo: Cortez Oboé, 1992.
- FINAZZI-SANTOS, M. A.; SIQUEIRA, M. V. S.; Considerações sobre trabalho e suicídio: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. 2011, 36 (123): p. 71-83.
- FRANCO, T.; DRUCK, G.; SELIGMANN-SILVA, E. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado **Rev. Bras. Saúde ocup.**, São Paulo, 35 (122): 229-248, 2010.
- GOMIDE, A. P. A.; Notas sobre suicídio no trabalho à luz da teoria crítica da sociedade. **Psicologia: Ciência e Profissão**. 2013; 33(2): p. 380-395.
- HELOANI, J. P.; CAPITÃO, C. G. Saúde Mental e Psicologia no Trabalho. **São Paulo em Perspectiva**, (17) 2, p. 102-108, 2003.
- JARDIM, S. Depressão e trabalho: ruptura de laço social. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. São Paulo, 36 (123), p. 84-92, 2011.
- LIMA, M.E.A. Trabalho de identidade: uma reflexão à luz do debate sobre a centralidade do trabalho na sociedade contemporânea. **Educação e Tecnologia**. v.12, n. 3, p.05-09, set.dez. 2007.
- MARTINS, J. T.; RIBEIRO, R. P. Suicídio e trabalho: o que fazer? Resenha. **Acta Paulista de Enfermagem**. 2011; 24 (3): p. 434.
- MÁXIMO, T. A. C. O; LIMA, J. A.; ARAÚJO, A. J. S. A invisibilidade entre a relação suicídio e trabalho. **Psicologia e Sociedade**. 2012; 24 (3): p. 739- 740.
- MELEIRO, A. M. A. S.; TENG, C. T.; WANG, Y. P. **Suicídio: estudos fundamentais**. São paulo: Segmento Farma, 2004.
- MIRANDA, F.A.N.; CARVALHO, G.R.P.; FERNANDES, R.L.; SILVA, M.B.; SABINO, M.G.G. Saúde mental, trabalho e aposentadoria: focalizando a alienação mental. **Revista Brasileira de Enfermagem**. 62 (5), p. 711-716, 2009.
- SALOMON, A.; **O demônio do meio-dia**: uma anatomia da depressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- SOUZA, P. C. Z.; SOUZA, A. M. R. Suicídio e trabalho: o que fazer? Resenhas Book Reviews. **Cadernos de Saúde Pública**. v.23, n 12, Rio de Janeiro, dez 2010, p. 2422-2423.
- SOBOLL, L.A.P. (Org). **Intervenções em assédio moral e organizacional**. São Paulo: LTr, 2017.
- ZANELLI, J.C.; KANAN, L. A. **Fatores de risco e de proteção psicossocial: organizações que emancipam ou que matam**. Lages: Editora da Uniplac, 2018.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Afastamentos 129, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 159  
América Latina 44, 69, 73, 79  
Artes Integradas na Arquitetura 142

### C

Canais de Participação 94, 95, 96, 97, 98, 109  
CEAGESP 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92  
Ciclo Gestacional 12  
Circuitos Espaciais 81, 82, 85, 89, 90, 91, 92  
Comercialização 81, 82, 83, 84, 85, 86  
Comunicação Pública 94, 95, 96, 97, 98, 109, 111, 112  
Cuidados 12, 13, 14, 91, 131, 182

### D

Desarrollo Sustentable 42, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 53, 54, 55, 56, 57, 58  
Desenvolvimento Regional 113, 114, 115, 124, 125, 126, 127  
Dialoga Brasil 94, 95, 98, 99, 102, 103, 105, 106, 108, 109, 110, 111  
Diferenciação Social 1, 7  
Disputas Simbólicas 1, 9, 10  
Doença 129, 130, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 156, 158

### E

Educação Natural 69  
Educação Popular 69, 75, 76, 80  
Espaço Urbano 1  
Estratégias Didáticas 142

### F

Formação Profissional 142, 143

### H

Hierarquização 1, 3, 8, 10, 157  
Hortifrutigranjeiros 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92

## I

Ingeniero Químico Industrial 42, 48

## J

Jornalismo 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28

Jornalistas Livres 16, 17, 22, 23, 24, 25, 26, 27

## M

Meio Ambiente 113, 118, 123, 125, 126, 127, 128, 170, 174

Metodologia 33, 34, 39, 40, 41, 61, 79, 115, 129, 131, 133, 137, 138, 139, 140, 146

## N

Noticiabilidade 16, 18, 21

## P

Paternidade 12, 14, 15

Política 10, 20, 24, 32, 54, 69, 70, 71, 73, 75, 77, 79, 80, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 108, 109, 110, 111, 118, 125, 127, 128, 130, 131, 133, 139, 154, 160, 162, 163, 165, 168, 171, 172, 173, 174

Produção 2, 5, 6, 7, 8, 10, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 37, 38, 74, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 99, 100, 101, 103, 104, 111, 114, 115, 117, 119, 120, 121, 123, 126, 128, 132, 140, 154, 156, 159, 160, 161, 166, 167, 169, 171, 172, 173

Projeto Barraginhas 113, 114, 115, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127

## R

Restauro Arquitetônico 142, 147, 153

## S

Sustentabilidade 113, 114, 115, 116, 122, 123, 126, 127, 128, 130, 152, 154, 162, 165, 166, 170, 171, 172, 173, 174, 175

## V

Valores 16, 19, 20, 30, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 55, 56, 60, 86, 109, 134, 144, 145, 158, 177, 178, 181, 182, 183

Valores-Notícia 16, 19

# A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências

# 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2020

# A Pesquisa e o Ensino das Ciências Humanas: Mudanças e Tendências

# 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2020